

Numa “Troca de Calçada” com Marília Mendonça: uma leitura folkcomunicação¹

Adrielle de Souza Silva²

Adelson da Costa Fernando³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O presente artigo se propôs a um diálogo e a uma leitura folkcomunicação voltada para o cenário musical sertanejo; os fundamentos

¹ Trabalho apresentado no GT 02 Expressões da Folkcomunicação na Cultura Popular da XXI Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social – Jornalismo ICSEZ/UFAM . Contato: drica-souza2608@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Religião, professor do Curso de Jornalismo do ICSEZ e do PPGSCA/UFAM e Diretor Regional norte da Rede Folkcom – Contato: acostaf@ufam.edu.br.

dessa leitura foram baseadas nos estudos do pesquisador Luiz Beltrão. Marília Mendonça, que, com criticidade, levantou a problemática do preconceito através da sua música “Troca de Calçada”: tratou acerca da marginalização de grupos sociais desfavorecidos pelo alcance da grande mídia, com destaque a garotas de programas. Portanto, a finalidade do artigo foi compreender a cantora Marília Mendonça como uma ativista folk e, para isso, analisou-se o uso de um meio de comunicação popular para alcançar determinados grupos marginalizados ou sua audiência. A folkcomunicação, apesar de não apresentar uma solução para tal problemática, mostra a capacidade de uma produção cultural própria desses grupos. Os estudos de Beltrão continuam a contribuir para uma visão mais realista da cultura popular brasileira.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Música Sertaneja; Grupos Marginalizados; Luiz Beltrão.

Introdução

A Folkcomunicação, identificada como a comunicação das classes subalternas e a expressão cultural dos grupos populares, é a maneira através da qual o povo se utiliza para se expressar publicamente. Pode ser entendida como o estudo dos processos de comunicação dentro das manifestações populares. É uma teoria desenvolvida e introduzida, no Brasil, por Luiz Beltrão e trata da comunicação ao nível das comunidades populares. Seus estudos incluem a relação entre as comunicações populares, como é transmitida pela mídia por meio do

que o pesquisador pôde perceber através da análise das manifestações populares em determinados grupos culturais.

Luiz Beltrão se deu conta que da mesma maneira que a teoria funcionalista norte americana identifica dois conceitos básicos que são do líder de opinião dentro de grupos, e por outro lado o fato de que a comunicação não se dá diretamente de um emissor para um receptor final, mas ela cria cadeias de recepção e retransmissão, um exemplo disso, é a transmissão de massa.

Assim, esse artigo tem por finalidade estudar as expressões de folkcomunicação na música sertaneja, dando ênfase à letra “Troca de Calçada” da cantora Marília Mendonça, que será objeto de estudo para averiguar a maneira como a música foi decodificada a garotas de programas diante das suas similaridades pertinentes a estereótipos e preconceitos socialmente propagados acerca da mulher, em especial no que se refere ao casamento, aos cuidados ao lar e à família. No decorrer do artigo estabelece-se uma visão geral da teoria de Luiz Beltrão e sua relação com a música sertaneja. A metodologia utilizada, refere-se da pesquisa exploratória, valendo-se dos procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental na intenção de dar ênfase as individualidades de uma faceta da comunicação (a folkcomunicação) que se desperta sob análise da cultura brasileira, de seus esforços e arte de um povo.

História da Folkcomunicação

Discursando com as devidas palavras de Luiz Beltrão o conceito folkcomunicação é: “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações,

ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24).

Esse estudo se iniciou por existir na concepção de Beltrão, grupos que não eram favorecidos com informação de grandes jornais, revistas e rádios o que impossibilitava captar que existia uma comunicação de massa ativa, como propunha a situação da época; década de 1940, com desenvolvimento da industrialização, urbanização e o aparecimento dos meios de comunicação com maior força e espaço.

No entanto, foi na década de 1960 que Luiz Beltrão, começou a verificar essa comunicação de massa, que provocava espanto por não notar algumas camadas. Percebeu que haviam grupos que realizam a comunicação de forma diferente, notado que o alcance de grandes meios de comunicação não se dava de maneira competente entre eles. As manifestações entre esses grupos transformaram-se objeto de estudo, mostrando o acesso para os desenvolvimentos do estudo em folkcomunicação.

Foi exatamente neste ponto da sua pesquisa que Beltrão ‘descobriu’ o segredo, por assim dizer, dos comunicadores dessa massa “surda as mensagens da imprensa, do rádio”, pois aí constatou que eles adotavam as características das mensagens folclóricas para a transmissão de suas notícias. Isso confirma o que Pedro Calmon já havia apontado, isto é, que os jornais se tornaram ‘os porta-vozes das elites dirigentes e cultas’ não sendo, portanto, acessíveis às camadas populares. (DIAS, 2008, p. 70).

A atenção dos estudos da folkcomunicação se centraliza em proteger e expor a comunicação daqueles que não são alcançados pelas grandes mídias. O oposto da comunicação de massa, a folkcomunicação procura identificar os indivíduos que formam sua audiência, ou seja, procuram reconhecer o público e como suas manifestações se dão. Botelho explica, em sua tese (2012) como Luiz Beltrão alcançou o firmamento da teoria da folkcomunicação:

A sistematização da teoria deu-se por meio da tese de doutorado defendida na Universidade de Brasília intitulada “folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”, no ano de 1967. Beltrão classifica a folkcomunicação como a comunicação das classes subalternas, pois mostra o conceito que retrata o olhar diferenciado desse pesquisador que, na qualidade de jornalista, foi instigado a questionar a comunicação os canais de comunicação utilizados pelos grupos que ele chamou “marginalizados” (BOTELHO, 2012, p. 62).

Luiz Beltrão e a Folkcomunicação

O legado do pesquisador Luiz Beltrão tem sido frequentemente estudado e renovado por pesquisadores e tem suscitado interesse na atualidade por chamar atenção para desigualdade que permanece até os dias de hoje, temos meio de comunicação de massa que não atinge por totalidade a massa. Segundo Beltrão (1980, p.2. Grifos do autor.), “os grupos não-organizados, a massa – urbana ou rural – de baixa renda, excluída da cultura erudita e das atividades políticas (...) sem

poder decisório, excluídos de uma participação ativa no processo civilizatório; em uma palavra, marginalizados”.

A folkcomunicação como estudo dos marginalizados identifica esse agravamento das seguintes formas, encontrando o meio como alguns grupos tornam-se excluídos a informações ou como alteram o que se veicula, equivocando-se tantas vezes. A música é um gênero musical encontrado para evidenciar o contexto socioeconômico que se vive, e reagir diante da desigualdade cultural que se impõe, facilitando a análise folkcomunicacional. Ou seja, temos uma forma de expressão que simboliza a realidade de determinados grupos marginalizados e até mesmo seu próprio produto cultural, muitas vezes deixado de lado e tratado com menor relevância pelos grandes veículos de comunicação.

Garotas de programa: Um grupo marginalizado

De acordo com Pasini (1999), a prostituição é compreendida como um trabalho na qual as relações sexuais são determinadas em troca não somente por dinheiro, mas também de bens materiais, informações, favores profissionais, entre outros. Para muitos, de forma preconceituosa, é tida como a “profissão mais antiga do mundo” concepção a qual se estimula de pensamento misógino que o único trabalho viável para as mulheres tenha sido, historicamente o uso do próprio corpo para fins sexuais, não apenas por ser uma figura marginal e estar sob efeito constante da violência simbólica, mas também por fundamentar-se no estereótipo igualmente arraigado. Nessa situação, Silva (2011) estudando a sociedade atual, afirma que muitas mulheres são conduzidas a atuarem como prostitutas, no entanto, devido a questões morais preestabelecidas estas são duramente condenadas. Ou

seja, a mesma sociedade que conduz a prostituição é a mesma que condena.

Como consequências da estigmatização, a prostituta sofre violência, preconceito e está muito mais exposta a contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, não só pelo fato de possuir vários parceiros sexuais, mas pela restrição aos locais que oferecem atendimentos de saúde. Percebemos que a violência, o preconceito e toda a discriminação que elas sofrem em seu cotidiano, são provocados por manifestações sociais que perpassam diversas gerações, podendo ser associadas assim as questões de gênero. (LOURO, 1997).

No país, a profissão foi legitimada desde de 2002, e a nomenclatura “profissionais do sexo” foi oficializada pelo Estado em sua Classificação Brasileira das Ocupações (Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, 2008), embora não seja aceita assim pela sociedade e até mesmo pelas próprias prostitutas (PEREIRA et al., 2018). Ainda no site do MTE as titulações que reconhecem as pessoas que trabalham com prostituição, são: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta e Trabalhador do sexo, (BESSA; CASTRO; CRAESMEYER, 2014). As garotas de programas fazem parte dos grupos sociais desfavorecidos e de pouca importância no campo social brasileiro, como grupos urbanos marginalizados.

Em outra definição, a de grupos urbanos marginalizados, Beltrão (Op. Cit.) chama a atenção para a relação entre mercado de trabalho informal, habitação, mobilidade urbana e escolarização. Os grupos urbanos marginalizados são compreendidos por indivíduos de baixo poder aquisitivo, com rendimento igual ou inferior a um salário mínimo, geralmente em empregos ou subempregos que

não exige mão- de-obra especializada, dentre as quais: construção civil, estiva, limpeza, oficina de reparos [...] e prostitutas. [...] E a sua ocupação se concentra em favelas, construções populares de baixo ou nenhum custo em áreas periféricas dos centros urbanos (DIAS, 2008, p.88).

Segundo Antonio Hohlfeldt (2011), marginalizado implica reconhecer que tal condição não foi escolhida por quem a carrega, mas, sim, foi-lhe imputada por alguém. A sociedade que exclui é a mesma que inclui e integra, essa problemática não se trata de uma situação recente, o problema da exclusão nasceu com a sociedade capitalista e é característica dela (Martins, 2002). As garotas de programa são vítimas dessa invisibilidade, restando apenas profissões desvalorizadas, lugares sociais não participativos e excludentes dos demais habitantes, Martins (2002).

A “Rainha da sofrência” como líder folk

Marília Mendonça exerceu um posto de muita influência na música popular brasileira e, sobretudo no estilo musical sertanejo. A cantora e compositora nasceu em 22 de julho de 1995, na cidade de Cristianópolis, interior de Goiás. Aos 12 anos de idade, Marília já tinha suas composições e antes de explodir como um fenômeno no mercado sertanejo, era um sucesso como compositora entre os cantores sertanejos renomados. Marília morreu em um fatídico acidente no dia 5 de novembro de 2021. No auge da sua carreira, finalizando de forma inesperada todos os seus planos e sonhos.

Marília, trazia em suas músicas um olhar feminino nas relações amorosas, uma sensibilidade para compor canções que falam de

amor, traição e dor de cotovelo e essas temáticas renderam a artista o título de Rainha da Sofrência. Desde o princípio, a humanidade coloca nas músicas seus sentimentos e suas ideias, portanto não é nenhuma novidade constatar que também seus medos e preconceitos estejam aí retratados.

Em 2018, compôs a letra da música “Troca de Calçada”, que retrata de forma crítica um pouco sobre a vida das garotas de programas. Esse papel de dar voz a outras mulheres, de levantar problemáticas para que ocorra mudança na sociedade, de alcançar com as suas músicas um grupo desfavorecido, na folkcomunicação se trata de um líder de opinião ou líder folk, como afirma, Beltrão:

O líder de opinião tem essa capacidade: é um tradutor, que não somente sabe encontrar palavras como argumentos que sensibilizam as formas pré-lógicas que, segundo Levy Bruhl, Bastide, Malinowsky e outros sociólogos, antropólogos e psicologistas, caracterizam o pensamento e ditam a conduta desses grupos sociais (BELTRÃO in MELO, 2001, p. 138).

A “Rainha da Sofrência” transformou sua letra em uma mensagem e a música foi o meio de comunicação para alcançar essas mulheres que são alvos de tantos julgamentos. Beltrão definiu a maneira como a folkcomunicação se constrói enfatizando a presença de um líder comunicador que recebe a informação de um veículo de comunicação, e, através de um meio, transmite para um público mais abrangente. O meio é denominado como, meio de comunicação folk, e o público que recebe as informações, de audiência folk Beltrão (1980).

Desse modo, a folkcomunicação e esses líderes de opinião repassam a mensagem, a Marília, por exemplo, é nas letras das canções, por meios de canais folk (sua música), chegando a mulheres consideradas marginalizadas socialmente como as de um interior isolado, grupos urbanos de baixo poder aquisitivo e aqueles que são adeptos da contracultura.

Por fim, saliento a importância que a Marília Mendonça tem como líder folk dentro da nossa sociedade, pois ela nos possibilita ser decodificadores da sua mensagem, debater informações, possuindo uma mobilidade que permite entrar em contato com outros grupos e, assim, desenvolver uma troca mútua de informações que acrescente conteúdo para ambas as comunidades.

“Troca de Calçada”, uma música sertaneja

A música “Troca de Calçada” foi lançada em julho de 2021, escrita em primeira pessoa em alguns trechos, sob a óptica de uma prostituta, a música alcançou o coração de muitas profissionais que trabalham na noite. O anseio de ter uma vida normal, de se casar, fazer planos, ser amada e acolhida, é o que muitas garotas de programa também sonham. Todavia, a realidade é que se tornou inevitável não lidar com os julgamentos e o preconceito por exercerem essa profissão. De maneira empática, Marília Mendonça compôs uma letra para dar voz a essas mulheres. No decorrer da entrevista ao programa *Conversa com Bial*, a cantora relata que Troca de Calçada foi uma de suas primeiras composições a não terem um contexto real.

“Troca de Calçada”: uma análise folkcomunicativa

Em Troca de Calçada, a Rainha da Sofrência codificou uma mensagem sobre as dores enfrentadas pelas garotas de programa e a tristeza de ter que abrir mão de alguns sonhos. Vamos conferir a análise dos trechos:

*Se alguém passar por ela
Fique em silêncio, não aponte o dedo
Não julgue tão cedo
Ela tem motivos pra estar desse jeito
Isso é preconceito*

A letra intercala entre duas vozes e, neste primeiro trecho, é como se fosse um narrador, que podemos especular como sendo a própria Marília. Ela aponta como agir ao cruzar com uma garota de programa: não julgar e não apontar, pois ninguém conhece os motivos que levaram a seguir esse caminho que traz tanto preconceito em forma de dor. Simultaneamente, fazem parte de um grupo da sociedade onde são subjugadas e se tornam vítimas de violência verbal e até mesmo física. Segundo Rodrigues (2012) todas essas dificuldades podem ocasionar indiferença, esgotamento, depressão, juntamente com os efeitos secundários, como o aumento excessivo do uso de drogas, se tornando a sua única fonte de prazer. Na realidade, as prostitutas de rua sofrem traumas psicológicos semelhantes aos dos soldados que participam de uma guerra.

*Viveu tanto desprezo
Que até Deus duvida e chora lá de cima
Era só uma menina
Que dedicou a vida a amores de quinta*

No segundo trecho, a letra começa a dar alguns detalhes sobre a história dessa mulher que provavelmente começou cedo na profissão. Ainda menina, precisou lidar com as indiferenças e tantas outras situações desprezíveis que até Deus duvida. Bruna, é um relato de que muitas garotas de programas escolhem essa vida antes mesmo de completarem a maior idade:

“Bruna sai de casa aos 17 anos de idade, passando a trabalhar como garota de programa em uma casa clandestina e se depara com o fato de que deve se oferecer a fim de que seja escolhida pelo cliente e possa subir, junto com ele, para o quarto. No momento, em que se apresenta tem a noção de que, a partir daquele momento, seu corpo seria entregue a um desconhecido, mas a coragem de conhecer o universo da prostituição é um baluarte para que se mantenha firme em seu propósito” (VENÂNCIO; RODRIGUES, 2017, p.5).

Desse modo, se torna um problema falar da prostituição como unicidade, pois, a atividade obtém diferentes desenhos, variando de menores de idade, garotas universitárias, senhoras idosas, jovens de classe média alta, ou ainda, garotas que se prostituem para suprir necessidades básicas. A prostituição naturalizada como mal necessário ou a profissão mais antiga do mundo deve ser pensada além desse

discurso generalista, mas, sim, analisada como um fenômeno construído social e historicamente. (FONSECA, 1996; RAGO, 2011, 2014).

*É claro que ela já sonhou em se casar um dia
Não estava nos planos ser vergonha pra família
Cada um que passou levou um pouco da sua vida
E o resto que sobrou ela vende na esquina*

A garota de programa sonha em se casar e levar uma vida comum. Em nenhum momento planejou ser alvo de vergonha dentro de casa. Porém, por necessidade escolhe essa profissão. A cada programa cobrado, a personagem de Troca de Calçada se sente mais vazia. Seus clientes levam um pouco da sua alegria, motivação e sonhos. O que sobra ela vende na esquina, seus medos, inseguranças e julgamentos. Da mesma forma que os espaços de prostituição são opostos ao lar ou da forma que a sociedade julga as prostitutas, do outro lado temos a garota de programa que sonha em mudar de vida, como afirma Ceccarelli:

“ao mesmo tempo, ambos se atraem, pois enquanto a prostituta muitas vezes sonha em mudar de vida, casar-se e tornar-se respeitada dona de casa, sua liberdade sexual não deixa indiferente a esposa que, não raro, imagina a sexualidade da prostituta a partir das fantasias sexuais em geral a ela interditadas” (CECCARELLI, 2008, p.8).

É interessante analisar como é abordado o anseio feminino pelo casamento, pela chance que muito se espera em vivenciar o amor ro-

mântico, que para a maioria das garotas de programas sequer é possível. O desejo de casar e constituir família pelos meios convencionais é ilegitimado socialmente pela dificuldade em que mulheres prostitutas estão inseridas, e a artista faz a interpretação dessa sentimentalidade em um tom de lamento e também de reivindicação ao pedir por respeito.

*Pra ter o corpo quente
Eu congelei meu coração
Pra esconder a tristeza
Maquiagem a prova d'água*

Para encarar essa dura realidade, ela precisa congelar seus sentimentos abrindo mão do amor e do afeto. Isso gera tristeza, como se toda vez chorasse quando deita com um desconhecido, para isso não ficar em evidência ela usa a maquiagem à prova d'água.

Essas mulheres não são garotas de programa o tempo inteiro. Para se caracterizarem como tais, elas adotam formas específicas de se maquiar e se vestirem. A roupa, as formas como elas ocupam seus locais de atuação, a expressão facial, o caminhar, a colocação das mãos e a maior parte de seus comportamentos, indicam práticas que compõem a performance da prostituição (PASINI, 2000, p.10).

Pasini (2000) também relata que a roupa, o excesso de maquiagem no rosto, a forma de aproximação do cliente, o tempo, o valor do programa e as ofertas de serviço, são pontos que delimitam o corpo

da prostituta. Em seu trabalho, a prostituta não usará a mesma roupa que usará fora dele.

*Hoje você me vê assim e troca de calçada Só que amar dói muito mais
Do que um nojo na sua cara Pra ter o corpo quente
Eu congelei meu coração Pra esconder a tristeza Salto 15 e minissaia
Hoje você me vê assim e troca de calçada Mas se soubesse um terço da história Me abraçava e não me apedrejava.*

No refrão, a Rainha da Sofrência escolheu por dar voz à personagem, as letras foram construídas em primeira pessoa, se diversificando das demais estrofes e se tornando protagonista. Quando a personagem lamenta que troca de calçada quando cruzam com ela na rua, o sofrimento se instala. Pois, pela visão da sociedade a profissão que essas mulheres exercem, o preconceito e a violência são percebidos na forma como o assunto é abordado e denominado. O assunto é ignorado porque, mesmo em tempos de liberdade sexual, ainda é tabu (CARNEIRO, 2014).

Além disso, os símbolos da feminilidade são expostos na letra como escudos: a maquiagem à prova d'água para sustentar não só a integridade, mas a tristeza e as lágrimas por vir, pois virão; o salto 15 e a minissaia, estrategicamente aplicados como códigos que chamam atenção para a “puta”, a mulher que vai “rodar bolsinha na esquina” (CASEIRA; MAGALHÃES; RIBEIRO, 2020).

Quando destaca “a troca de calçada”, Marília descreve à materialização do preconceito com prostitutas, suas múltiplas infinitudes, o nojo que lhes é lançado. Bate em seus corpos e não as atinge, pois, a dor de amar demais é o que prevalece. Atualmente é como a sociedade ainda as vê, com os corpos abjetos, a troca de calçada é fingir que

não viu, fita os olhos e não enxerga, observa sem absorver (CASEIRA; MAGALHÃES, RIBEIRO, 2020).

Considerações Finais

Marília Mendonça, ao penetrar na ótica da “mulher puta”, além das mulheres que, em geral, sofrem por circunstâncias sociais diversas em que são colocadas em um não- lugar de amor, afeto e respeito. Buscou com a música, homenagear a coragem daquelas que tanto vivem o julgamento moral-patriarcal, pelo qual Marília outrora reproduziu. Tais aspectos fizeram com que Marília se tornasse interprete da cultura dos marginalizados, da audiência folk. Sua contribuição na grande mídia e nos grupos menos favorecidos ficou evidente durante toda a sua carreira. Embora os meios de comunicação de massa tenham como objetivo atender à população em sua totalidade, esta tarefa não se encontra bem executada. Existe ainda uma parcela da população que continua à margem das principais informações distribuídas pela grande mídia, acarretando a estes grupos uma grande carência quanto ao acesso à cultura e conhecimentos em geral.

Assim, a folkcomunicação, apesar de não apresentar uma solução para tal problemática, mostra a capacidade de uma produção cultural própria desses grupos no sentido de quererem se expressar, se sociabilizar, e de manifestar suas particularidades culturais. O sertanejo, com o estilo musical da Marília relata de modo peculiar, a vida cotidiana dessas mulheres, bem como seus costumes, preconceitos e anseios, acaba por criar sua própria expressão cultural. Os estudos de Beltrão continuam desta forma, a contribuir para uma visão mais realista da cultura popular brasileira.

Referências

- BELTRÃO, L. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de ideias. EDIPUCRS, 2001.
- BELTRÃO, L. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. Cortez Editora, 1980.
- BIROLI, F. Família: novos conceitos. Coleção O que saber. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 07-23, 2014.
- BOTELHO, D. R. M. Festa do tropeiro de silveiras: uma abordagem folkcomunicacional. 2012.
- CARNEIRO, A. B. É possível ser prostituta e ser feliz? Belo Horizonte, 2014.
- CASEIRA, F.; MAGALHÃES, J.; RIBEIRO, P. A potencialidade de um jogo para discutir gênero e ciência no ensino básico e superior. In: FRICK, Loriane; PONCIANO, Paola; BARTELMÉBS, Roberta (Orgs.) Narrativas sobre feminilidades. Curitiba-PR: Editora CRV, p.201-218, 2020.
- CASTRO, G.; BESSA, L.; CRAESMEYER, B.. Contribuições para uma “Filosofia puta” –acerca da necessidade de uma Pornologia Contributions to a Bitch Philosophy: the Pornology pursuit. 2014.
- CECCARELLI, P. R. Prostituição: Corpo como mercadoria. Mente & Cérebro - Sexo, Belo Horizonte, v. 4, ed. esp., p. 1-14, dez. 2008.
- DIAS, E. P. M. et al. Marcas Folkcomunicacionais na obra literária de Luiz Beltrão. 2008. FONSECA, C. “A dupla carreira da mulher prostituta”. Revista Estudos Feministas n.1. 07– 33. 1996.

HOHLFELDT, A. A comunicação enquanto diálogo em Paulo Freire e Luiz Beltrão. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, n. 11, 2011.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes: 1997.

MARTINS, J. S. A Sociedade vista do Abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PASINI, E. Limites simbólicos e corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu*. Campinas, p. 181-200, out. 1999.

PASINI, E. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *cadernos pagu*, n. 14,

p. 181-200, 2000.

PEREIRA, J. R. et al. “O show tem que continuar”: Encalços e percalços do ser/estar prostituta. *Contextus—Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, v. 16, n. 3, p. 151- 180, 2018.

RAGO, M. “A prostituição ontem e hoje”. In: GRILLO, José Geraldo Costa; GARRAFONI, Renata Senna; FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.). *Sexo e violência: realidades antigas e questões contemporâneas*. São Paulo: Anablume. P212-225, 2011. RAGO, M. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra. 2014.

RODRIGUES, L. *Prostituição: um estudo sobre as dimensões de sofrimento psíquico entre as profissionais e seu trabalho*. São Paulo, 2012.

SILVA, F. P. A. Prostituição, vivências e mercantilização de corpos. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, Salvador, p. 1-14, set. 2011.

VENÂNCIO, R.; FRANÇA RODRIGUES, H. O Corpo (I) Moral: A Prostituição nas Sendas do Direito e da Psicanálise. João: Pessoa: Jornada Norte-Nordeste de Direito e Literatura da RDL, 2017.